

**GEOGRAFIA HISTÓRICA DO RIO DE JANEIRO (1502-1700)**

Maurício de Almeida Abreu

Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio e Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 2010

*Pedro de Almeida Vasconcelos*

Professor do Mestrado em Geografia da UFBA e do Mestrado em Planejamento Territorial da UCSAL, pesquisador do CNPq

Acaba de ser publicado, em dezembro de 2010, o monumental livro de Maurício Abreu, em dois volumes com luxuosa apresentação e rico conteúdo, sobre os dois primeiros séculos da cidade do Rio de Janeiro e de sua região de influência. O livro é o resultado do longo trabalho, de mais de 15 anos de pesquisa, efetuado por Maurício Abreu, PhD em Geografia pela Ohio University, com pós-doutoramento em universidades alemãs e francesas, e Professor Titular em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Maurício já tinha publicado o excelente livro *Evolução Urbana do Rio de Janeiro* (1987), que tratava, sobretudo, de eventos importantes na capital carioca nos períodos iniciais da República. Não satisfeito, o autor foi mais longe, e se aprofundou em uma longa pesquisa que resultou no livro atual: primeiro, voltou-se para os dois séculos iniciais da cidade e região, justamente os de documentação de mais difícil acesso; em segundo lugar, dedicou-se à exaustiva pesquisa de documentos primários em arquivos, tanto no Brasil, como em Portugal e no Vaticano; em terceiro lugar, montou um riquíssimo banco de dados no Núcleo de Pesquisa de Geografia Histórica que implantou na UFRJ, o que permitiu estabelecer novas relações e encontrar respostas a questões importantes, sobretudo a partir do exame dos livros de escrituras dos cartórios do Rio de Janeiro (mais de 500 livros) e nas mais de 244 caixas e documentos avulsos no Arquivo Histórico Ultramarino, em Portugal. Finalmente, em paralelo, formou uma extensa equipe de pesquisadores no domínio da Geografia Histórica.

Para apresentar o conteúdo do livro, melhor do que tentar sintetizar seu enorme trabalho, que tive a honra de ler ainda em manuscrito, é transcrever a própria apresentação do mesmo realizada pelo

autor, conforme consta no final da Introdução, no primeiro volume:

O livro aqui apresentado se compõe de quatro partes bem distintas que se dividem em 18 capítulos de variável extensão. A primeira parte, “O processo de conquista”, diz respeito à inserção do Rio de Janeiro no longo processo de conquista e colonização da “terra do Brasil”. A análise trata basicamente do século XVI, mas se prolonga até a terceira década do Seiscentos, quando as últimas nações indígenas que habitavam o litoral fluminense foram definitivamente submetidas ao colonizador, e a circulação de indivíduos e de bens entre o Rio de Janeiro e o Espírito Santo pôde finalmente ser efetivada por terra.

A segunda parte, “A apropriação do território e a formação da sociedade colonial: agentes, ritmos e conflitos”, trata do processo de apropriação territorial ocorrido na capitania fluminense no Quinhentos e no Seiscentos; demonstra os vetores de expansão e de consolidação do povoamento europeu e dá destaque aos conflitos decorrentes dessa apropriação e à malha de controle territorial que resultou desse processo. Esta parte privilegia, ainda, o papel exercido por dois agentes importantes do processo de apropriação territorial – a Câmara e as ordens religiosas regulares –, e discute as bases que sustentaram a formação da sociedade fluminense no Seiscentos, dando destaque ao papel nela exercido por senhores de engenho, comerciantes e oficiais mecânicos urbanos. Dá relevo, finalmente, ao papel exercido, aberta ou secretamente, pelos cristãos-novos, grupo social que perpassava todas essas categorias sociais e cuja importância demográfica, social e econômica é fundamental para que se entenda o Rio do século XVII.

Com a terceira parte, “O Rio de Janeiro e o sistema atlântico”, o curso do trabalho é radicalmente alterado. Embora o foco de referência se mantenha orientado para a capitania fluminense, a análise agora se articula, explicitamente, para escalas geográficas mais amplas, notadamente, para as relações estabelecidas entre o Rio de Janeiro, Buenos Aires, a África (isto é, o tráfico negreiro) e o restante do império colonial português. Com esta parte, tratamos, sobretudo, das conjunturas econômicas fluminenses e, muito especialmente, do Rio dos engenhos de açúcar, muito debatido mas pouquíssimo estudado, que aqui

é objeto de investigação detalhada e inédita. São discutidas também as turbulências sociais que afetaram a capitania no século XVII.

O livro se encerra com a quarta parte, que direciona a investigação para ainda outra dimensão de análise e trata agora da escala local, isto é, da “Cidade de São Sebastião”, do pequeno núcleo urbano com estatuto de cidade que permaneceu como burgo secundário no contexto colonial até que a riqueza das minas viesse a transformar bastante a sua forma e o seu conteúdo no século XVIII. Discutem-se aqui as diversas morfologias da cidade, tanto no Quinhentos como no Seiscentos, como também a sua organização interna, os seus conflitos e controles, assim como o importante papel exercido na urbe por mercadores, oficiais mecânicos e escravos urbanos; destaca-se, igualmente, o seu quotidiano pacato, mas que era sacudido, de tempos em tempos, por atividades festivas que transfiguravam o espaço coletivo e, sobretudo, pelo frenesi da chegada e permanência das frotas do açúcar, época em que a cidade se transformava inteiramente.” (p. 27-8)

Deve ser destacada também a parte gráfica do livro, a qualidade das imagens pesquisadas, assim como a importância da cartografia histórica em que o autor procurou localizar fenômenos, como no caso das sesmarias, das terras da Câmara e das ordens religiosas, que por si só já seria suficiente para qualificar o trabalho. Outro destaque a ser dado foi o trabalho inédito de levantamento e localização da quase totalidade dos engenhos de açúcar fluminenses, um verdadeiro quebra-cabeça que ele conseguiu juntar e recuperar, um feito que os historiadores não tinham conseguido.

Além do mais, o livro também traz uma dimensão teórica, com a citação de uma rica bibliografia internacional, mantendo sempre uma coerência interna de não se afastar da sua preocupação principal de “trabalhar a relação entre processo social e forma espacial num lugar do passado” (p.27), o que pode ser confirmado pelo exame dos seus pares dialéticos: “relacionar o conhecimento histórico com o geográfico, a narração com a descrição, a grande escala com a pequena, a sincronia com a diacronia, a indução com a dedução, a análise com a síntese, o processo social com a forma social” (p.462), ou seja, preocupações que identificam o seu trabalho como sendo de Geografia Histórica, o que o diferencia, portanto, dos estudos históricos

tradicionais. Sua qualidade principal, entretanto, é de recuperar parte importante do passado da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro nos seus dois séculos iniciais, uma contribuição com dimensões braudelianas e que vem consolidar a Geografia Histórica brasileira.

## **UMA ESTRATÉGIA CHAMADA “PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO”. DESLOCAMENTOS ESPACIAIS E ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS NA TEORIA DO PLANEJAMENTO URBANO**

Pedro Novais

Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010

*Ana Fernandes*

Professora Associada da FAU-UFBA,  
pesquisadora do CNPq

Em seus cinco capítulos, este livro, leitura obrigatória para a área, nos conduz através das tramas que nos fizeram conhecer, ao longo dos anos 1990, a disseminação da estratégia chamada *planejamento estratégico* como modo de conceber, operar e agir sobre as cidades. Resultado de sua tese de doutorado, defendida no IPPUR-UFRJ em 2003, Pedro Novais recompõe, de forma clara e concisa, a emergência, o percurso e a difusão desse conceito, seguindo, com precisão quase cirúrgica, seus condicionantes e desdobramentos teóricos e empíricos, bem como suas aderências temporais e territoriais. Harvard, Barcelona, Rio de Janeiro são os espaços privilegiados para a análise proposta, por corresponderem a características e momentos específicos do planejamento estratégico para as cidades: grosso modo e respectivamente, à sua invenção (anos 1970-80), à sua modelização (anos 1980-90) e à sua experimentação pela primeira vez no Brasil (anos 1990).

Logo de início, no primeiro capítulo, “A emergência das políticas competitivas”, após um sucinto panorama das políticas urbanas recentes e dos modelos de planejamento, nos são apresentados os instrumentos conceituais através dos quais se propõe a construção do objeto e sua decorrente leitura. Partindo da crítica a uma visão de cunho intelectualista da produção de ideias no planejamento urbano – no qual elas são